

# AFINAL, QUEM É E COMO SE FORMA O PROFESSOR?

Oswaldo Dalberio Dal Bello

Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)

**Resumo:** Neste texto apresentamos algumas reflexões sobre a identidade do professor. Indagamos inicialmente quem é o professor, como ele se torna professor, qual a diferença entre o professor e os outros seres humanos. Também discutimos como é a atividade do professor e se sua docência é uma profissão ou uma vocação. Em outras palavras, o que é ser professor e, quais são os seus desafios para a formação cidadã dos seus alunos. E, por fim, apresentamos o alcance dessa reflexão para a formação, a vida e a profissão docente. Para iniciarmos nossa conversa, porque é isso que pretendemos fazer aqui - conversar sobre educação e dentro dela sobre o professor - faz-se necessário indicar o que é possível entender por este tema. A educação acontece na família, na igreja, no meio social, na escola, no trabalho, nos sindicatos, nos partidos políticos, enfim, em todos os lugares nos quais o homem esteja presente na relação com outro homem. O homem é um ser social. Disso não podemos ter dúvidas. Por isso, ele carrega uma carga cultural importante para sua vivência e suas atitudes e atividades.

**Palavras-chave:** Educação. Identidade docente. Professor educador.

## AFTER ALL , WHO IS AND HOW TO FORM THE TEACHER ?

**Abstract:** In this paper we present some reflections about the identity of the teacher. Initially we ask who is the teacher, as he becomes teacher, what is the difference between the teacher and the other humans. We also discuss how the activity of the teacher and his teaching is a profession or a vocation . In other words, what is to be a teacher and what are their challenges to civic education of their students . Finally , we present the scope of this reflection to the formation, life and the teaching profession. To begin our discussion, because that is what we intend to do here - talk about education and within it about the teacher - it is necessary to indicate that it is possible to understand why this topic. Education happens in the family, the church, the social environment, at school, at work , in trade unions , political parties, in short , everywhere where man is present in relationship with another man . Man is a social being. It cannot have doubts. Therefore, it carries an important cultural burden to their experience and their attitudes and activities .

**Keywords:** Education. Teacher identity. Teacher educator

## ***O homem e a educação pelas circunstâncias***

A educação acontece num processo contínuo e indefinidamente estabelecido. O homem está posto em circunstâncias educativas que possibilitam uma percepção, ação e comunicação sobre suas vivências, conhecimentos de si mesmo, do mundo e do outro. Nesse processo ele passa por diversas situações sociais. Dentre elas, família, escola, igreja, meio social e outras.

Na família acontece um processo de formação da criança para que ela seja um homem social. Isto significa que os membros adultos dizem e, em muitos casos, impõem sua maneira de ver, julgar e agir no mundo para a criança, e ela, por sua vez, incorpora tais informações como sendo necessárias e válidas para determinados comportamentos e atitudes. A criança, por estar numa situação de vulnerabilidade educacional, assume

tais informações como sendo a voz da certeza e da verdade. Esse momento, no qual a família oferece modos de agir, solidifica-se na consciência da criança de maneira que suas atitudes manifestam aquilo que é certo para os membros adultos e, muitas vezes, não para a criança. É um processo assistemático de educação, visto que não há um padrão, um planejamento e nem objetivos claros para serem atingidos. (DALBERIO, 2007)<sup>i</sup>. Não estamos fazendo julgamentos para dizer que isto é certo ou errado, apenas constatamos esse fato. De qualquer maneira, a criança está colocada numa situação na qual os adultos acreditam poder educá-la para o mundo.

Por outro lado, as pessoas têm contato com algum credo religioso durante a sua vida. Nesse aspecto, recebem informações de como se comportar enquanto membro de uma determinada religião. Adquirem valores para suas atitudes. Esse processo acontece sistematicamente, porque os líderes religiosos formam os seus fiéis divulgadores que, conseqüentemente, estão juntos dos seguidores ou frequentadores para apresentar-lhes as verdades religiosas daquele credo. Portanto, há uma organização e um processo educativo religioso para as pessoas no contato com uma religião. Assim, ritos, práticas e manifestações religiosas são incorporados nas atitudes e nos comportamentos dos seguidores de cada uma das religiões. E cada uma delas está na relação com o divino, com o sagrado, com a espiritualidade que lhe é específica. Nesse processo educativo há uma assimilação de valores significativos para os comportamentos e pensamentos.

[...] Zohar e Marshall (2000) e Wolman (2001) [...] defendem a existência de uma Inteligência Espiritual, associada à Intelectual e Emocional, (essas últimas insuficientes para explicar a complexidade da Inteligência Humana, a riqueza da alma do homem e sua imaginação) e relacionada com a necessidade humana, acentuadamente hoje sentida, de ter propósitos e objetivos na vida, acrescida da concordância com os autores da crença de que há uma profunda relação entre a crise da Sociedade Moderna e o Baixo desenvolvimento da Inteligência Espiritual [...] ( TEIXEIRA; MÜLLER; SILVA, 2004, p.71).

Na convivência diária, a criança aprende como se comportar na relação com os outros. Ela é colocada em várias situações educativas que exigem que aja de uma ou de outra maneira. Num clube esportivo, por exemplo, a criança deve agir de uma maneira, num restaurante de outra, numa festa familiar de outra e, assim, em cada lugar deve agir com seus modos específicos de acordo com as regras sociais. Cada um desses ambientes exige uma atitude e a criança aprende como se comportar em diversas situações de maneiras diferentes: ao longo da sua vida, ela aprende que, em cada ambiente, deve se portar de uma maneira. Quem ensina isso são, primeiramente, os adultos (a família) e, depois, os outros com quem está se relacionando. Às vezes, precisam passar por situações constrangedoras, outras situações de aprovação, outras ainda, de repulsa em relação a seu comportamento. Assim, a criança aprende convivendo. A criança, na relação com os seus pares, adquire valores do mundo criança.

Segundo Chartier (1978, p. 31), "somente na escola é que encontra seu semelhante e seu igual", isto é, o povo criança tem suas regras e suas leis próprias que aprovam ou desaprovam as atitudes realizadas em determinadas situações. A criança, portanto, segue as normas do povo criança. Nesse momento da vida, a pessoa adquire um conjunto de princípios que, provavelmente, a orientarão pela vida adulta.

Na escola há uma sistematização de conhecimentos necessários, segundo os adultos, para a criança aprender. Nesse ambiente, a criança aprende que suas atitudes podem ser diferentes daquelas apreendidas na família, nas manifestações religiosas e mesmo no meio social. Na escola aprende o valor do pensamento, do conhecimento intelectual em detrimento de muitos outros conhecimentos. Aliás, os conhecimentos adquiridos fora da escola, em muitas situações, são reformulados e, às vezes, desprezados, corrigidos, sistematizados, estruturados de outra maneira. Nesse caso, as crianças devem aprender a aprender de modo diferente. O desafio é muito grande e difícil para a criança. Ela precisa refazer conhecimentos tidos como certos e verdadeiros. Precisa ressignificar atitudes e comportamentos. Precisa aprender a dar sentido a outros aspectos importantes para a sua vida. Em outros casos, o mundo da criança, advindo da sua experiência cultural, é levado em conta no processo de aprendizado. Em ambos os casos, a criança é posta numa situação de aprendizado e de significação da realidade existencial pessoal ou coletivamente. É, assim, um aprendizado de humanidades.

Quando a pessoa entra no mundo do trabalho, também passa por um processo de aprendizagem característica daquela atuação. Visto que

[...] o homem não é um mero espelho ou fator das condições sociais, sua vida não é independente do sistema de trabalho, mas ele dispõe de cinco sentidos a serem desenvolvidos, ele é capaz de apreciar o mais belo espetáculo: assim, a objetivação da essência humana, tanto teórica quanto prática, é necessária para `humanizar` os sentidos humanos, e também para criar os `sentidos` humanos correspondentes a toda riqueza do ser humano e natural. (MARX (1978, p.129, apud MARKERT (2010).

Há normas próprias em cada ambiente de trabalho e que precisam ser seguidas sob pena de a pessoa perder o emprego. Então, o trabalhador acomoda-se ao ritmo e às normas e regras do trabalho que exerce. Os comportamentos são rígidos, cruéis, em muitos casos desumanos, mas quem quer permanecer trabalhando sempre vai enfrentar essa situação organizacional. É um processo de aprendizagem.

Outra maneira de se aprender a viver é a relação que se trava nos sindicatos, pois aí se aprende a conviver com o diferente, com o contraditório e com as manobras políticas de interesses escusos e os explícitos. É preciso aprender que há interesses e que eles são sempre a serviço de uma determinada classe social, ora a dominante, ora a dominada. Nesse embate entre elas, há uma ideologia que perpassa a

relação entre os membros, tanto de uma como de outra. Cada uma defende as suas crenças, as suas vontades, os seus desejos, os seus interesses e, mais que isso, as suas ideologias, os seus poderes. O homem, nesse contexto, aprende de qual lado deve ficar e a serviço de quem. É um aprendizado que precisa ser efetivado na prática do dia a dia, no embate diário de interesses. Assim, sobre política é entendido como sendo:

[...] forma de atividade ou de práxis humana, estreitamente ligada ao poder. O poder político é o poder do homem sobre outro homem, descartados outros exercícios de poder, sobre a natureza ou os animais, por exemplo. Poder que tem sido tradicionalmente definido como 'consistente nos meios adequados à obtenção de qualquer vantagem' (Hobbes) ou, como 'conjunto dos meios que permitem alcançar os efeitos desejados' (Russell) (POLÍTICA. Online. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Pol%C3%ADtica>>. Acesso em: 02 dez.2013.

Outra maneira de se conhecer, também, é aquela que acontece nos partidos políticos. Dentro de cada um deles existem maneiras próprias de visão da sociedade e de como organizá-la politicamente. Assim, cada partido carrega em seu bojo um conjunto de percepções sociais que permeiam a relação entre poderes políticos, econômicos, administrativos, ideologicamente bem estruturados. Obviamente que cada partido tem suas perspectivas de presente e de futuro e que cada membro ou filiado, correligionário deve seguir os padrões de grupo que a direção do partido estabelece. Não estamos dizendo aqui que a direção seja de apenas uma pessoa, mas de um grupo, porque partido não é de uma única pessoa, mas de grupos que acreditam nas mesmas ideias e as defendem como válidas para toda uma sociedade.

Acreditamos que a educação não é apenas um acontecimento exclusivo da escola, mas de todas as instâncias onde o homem está na relação com os outros. Educação é um processo de humanização que acontece durante a vida do homem em diversas instâncias sociais. E, por causa disso, aborda todos os aspectos da existência humana, seja ela racional, corporal, afetiva, espiritual, enfim, social. O homem se humaniza e hominiza-se por causa da educação.

### ***O professor e seu papel na educação***

Quem é o professor nesse panorama educativo e qual é o seu papel? É um ser como outro. Constrói sua própria vida nas relações que trava durante a sua história pessoal. Ele percebe que pode exercer uma função de ensinar, especificamente na escola. Para isso, ele se forma e se informa.

O professor, ao longo de sua formação, desde a educação básica até a universitária, vai construindo um perfil pessoal seguindo as experiências que observa dos seus professores. É um processo longo até escolher sua

profissão. Para tanto, no início, geralmente não sabe ainda se quer exercer a função de professor, mas, na sua maneira de ver, julgar e agir no mundo, já estão presentes os indícios necessários à sua escolha. Um deles é a dedicação que empenha nos estudos. Pois quem se dedica, empenha-se, compromete-se com o aprendizado, adquire o gosto pelo conhecimento. Esse fato manifesta um dos aspectos importantes na escolha futura. O professor é um estudante e tem que ser assim, por causa da sua função de acompanhar a evolução contínua do conhecimento humano. Diante disso, podemos então afirmar que o professor se faz.

Outro indício é gostar de lidar com pessoas. Ter, em muitos casos, aquele chamado 'jogo de cintura' na relação com os outros. Não é um jogo de interesses próprios no sentido de ganhar vantagens, mas o de facilitar ao outro a oportunidade de aprender de alguma forma. É uma sabedoria pedagógica naturalmente instalada na sua consciência, sem que ele saiba exatamente o que é. Nessas atitudes de vontade de ajudar o outro a ser melhor, entender melhor, saber como viver, como interpretar, como julgar mais corretamente, enfim, descobre a sua profissão por colaborar com a humanização dos seus interlocutores. Então, diante disso, sem que ele o saiba, já está exercendo uma função que se estruturará ao longo de sua carreira acadêmica.

No contato com os alunos, exercendo alguma atividade docente, ele também pode definir não ser professor. Descobre que sua atuação como docente não é algo que o satisfaça completamente; nesse aspecto, ele define que não será professor, mas exercerá outra atividade que lhe trará satisfação. Assim, mesmo tendo formação apropriada para exercer tal função, não a exercerá por uma questão de satisfação, de habilidade, de realização pessoal. Procura outra atividade que seu conhecimento poderá lhe proporcionar dentro da área de formação. É o caso, por exemplo, de uma pessoa formada em Educação Física que não gosta de ministrar aulas em escolas, mas é instrutor em academia ou técnico de futebol. Tem formação para ser professor, mas não vai exercer tal função em escolas regulares, mas em outras funções próprias de sua formação acadêmica.

Tal estruturação se dá quando mantém contato com teorias e práticas pedagógicas. Com teorias, estabelecidas como maneiras de ensinar e de aprender, maneiras de olhar para o mundo, para si mesmo e para o outro e visualizar que pode ser melhor, não para si mesmo, mas, principalmente, para colaborar com a construção de conhecimentos melhores.

Na prática pedagógica o professor se faz e se descobre. Nos momentos em que a silhueta profissional se forma, ele se percebe nela e a incorpora como modo de vida. Esse momento é fundamental para a carreira e a profissão docente. Ele escolhe o que fazer, como fazer, porque fazer, para quem fazer e não se preocupa em onde fazer, porque isso é consequência da sua decisão. O professor é um cidadão do mundo. Ele

ultrapassa a ideia de bairrismo. Onde estiver, estará exercendo sua função de educador.

Nesse ponto da sua carreira profissional como docente e certo da sua escolha, ele faz a junção entre a teoria e a prática que visualiza como sua e aprende na e com a prática cotidiana do magistério. Além do mais, os próprios alunos o ensinam, com sua maneira de agir, de se posicionar, de questionar, de apresentar suas ideias, a ser professor. Nessa atividade, juntando teoria, prática e conhecimentos advindos dos alunos ele se percebe professor e assume tal papel em conformidade com o seu perfil, sua personalidade, suas esperanças, seus desejos, suas utopias. Assim sendo, o professor é um construtor de si mesmo para e com os outros.

### *O professor é um ser humano igual a todos ou é diferente?*

Como foi dito anteriormente, o professor está num meio social estabelecido que favorece sua formação humana e acadêmica até sua atividade professoral. Nesse sentido, ele tem todos os atributos de uma pessoa comum. Por isso, tem as mesmas dimensões de todos os homens. Apresentaremos a seguir as dimensões humanas nas quais o professor se insere e fazem parte da vida e da atividade docente.

#### ▪ **Homo somaticus - A dimensão corpórea do homem<sup>ii</sup>**

Nesse aspecto o professor tem as mesmas necessidades de qualquer homem. Nasce, cresce, reproduz, envelhece e morre. Segue os mesmos padrões de todos os homens. Corporalmente, ele tem desejos, necessidades, vontades e busca saciar a todas elas. Além do que está na relação física com os outros corpos, vivos ou não. Ele, o professor, é um homem situado num determinado ambiente que o projeta como igual a todos. Mesmo exercendo uma atividade de fundamental importância para a formação humana ele não deixa de ser um dentre os outros.

#### ▪ **Homo vivens - A dimensão da vida humana**

Nesse sentido, ele vive como os outros, precisa de ter moradia, ter família, ter amigos, ter as condições básicas e necessárias para cuidar da sua saúde, dos seus bens, locomover-se. Ele vive e precisa cuidar da sua vida bem como as dos outros por quem ele é responsável. Ele tem direito de viver e ter dignidade nessa existência. Para tanto, o professor é possuidor de uma vida humana igual a todos; ele não é e nem pode ser diferente apenas porque exerce uma profissão de ensinar sabedoria. O professor, então, é também, um propagador de vida.

▪ **Homo sapiens - A dimensão do conhecimento intelectual<sup>iii</sup>**

O professor, como foi dito, é um homem que desenvolveu habilidades racionais para compor argumentos e raciocínios no nível de ensinar aos outros humanos as mesmas habilidades racionais. Como homem, ele sabe que sabe e quer que os outros homens possam também ter conhecimentos. Para isso, ele junta as suas experiências às experiências dos outros, diga-se, da humanidade, para elaborar ideias atuais sobre a realidade humana. Assim sendo, exerce com propriedade a capacidade racional. Ele, o professor, é em grande parte, responsável pelo desenvolvimento racional da humanidade. Pode e geralmente mostra o futuro dos homens tanto no aspecto pessoal quanto coletivamente. Visualiza o que pode acontecer num futuro próximo, médio e longo prazo. O professor é, então, graças a sua capacidade racional aguçada, um visionário, um profeta para o homem.

▪ **Homo volens - As dimensões da vontade, liberdade e amor<sup>iv</sup>**

Nesse aspecto, o professor tem vontades pessoais que precisam ser levadas em conta. Vontade de acertar, vontade de realizar sonhos, desejos, anseios desde os mais profundos e pessoais até mesmo para a humanidade, pois, ele é um progenitor de humanidades. O professor também tem sua liberdade de pensar, agir e promover-se, promovendo o outro a um patamar de melhores condições de pensamentos, de sociedade. O professor, então, pode levar a humanidade a pensar melhor, a planejar melhor, a viver melhor. Ele conquistou a liberdade na sua formação e na sua profissão. Ele não somente tem liberdade de pensamento, mas também tem como que por consequência, a responsabilidade de mostrar às novas e futuras gerações os caminhos para uma cidadania mais eficiente e eficaz.

▪ **Homo loquens - A dimensão da linguagem<sup>v</sup>**

Nesse aspecto, é importante destacar que o professor é um ser humano e seu trabalho é essencialmente com as palavras, sejam orais ou escritas. Ele dimensiona a linguagem para se comunicar. Isso significa que ele utiliza os procedimentos normais de comunicação, ou seja: ele é emissor num primeiro momento. Isto é, ele decodifica a mensagem dos outros emissores para organizar as suas mensagens e as transforma em símbolos para se comunicar. Explicando melhor: o professor assimila as informações dos teóricos e dos autores que estuda. Organiza suas experiências e as experiências dos outros. Em seguida, ou, concomitantemente, sistematiza na forma de ideias para expressar os conhecimentos elaborados com a linguagem. Então, o professor é, em última instância, aquele profissional que utiliza em seu trabalho cotidiano a linguagem oral com maior frequência. Mas, também, pode utilizar a linguagem escrita para se manifestar. Enfim, o professor é um exímio comunicador de ideias. Essa

dimensão o coloca numa patamar de destaque, pois para tanto ele precisa ter habilidade de trabalhar com palavras para expressar seus pensamentos, suas experiências, as experiências dos outros, as informações que assimilou dos outros teóricos. Portanto, o professor é, por necessidade da profissão, um homem das palavras.

▪ **Homo socialis - A dimensão social e política do homem<sup>vi</sup>**

Nesse aspecto, o professor exerce uma atividade, segundo Aristóteles, eminentemente política. No seu trabalho cotidiano, ele lida com interesses pessoais, com os interesses dos outros com os quais se relaciona: sejam alunos, direção, coordenação ou orientações pedagógicas diversas. É um trabalho regido por atividades políticas. Além do que o professor também, fora da sala de aula ou da escola, exerce atividades sociais diversas e, dentre elas, pode ser um político profissional. Embora precisemos destacar que seu papel de professor é eminentemente político porque trabalha com seres humanos, e onde está uma relação entre humanos, há política. O que não pode acontecer é uma atividade partidária misturando-se com as atividades acadêmicas no processo ensino e aprendizagem. Isso se caracteriza como desvio do foco pedagógico. O professor pode até ensinar a ser político, mas não doutrinar os seus alunos para um determinado partido ou ideologia, ou crença particular. Acreditamos na possibilidade de o professor ser um orientador de humanidades; por isso, precisa se definir ou direcionar para uma dada visão de mundo. Obviamente que, quando falamos nesse aspecto, devemos ter claro que cada um tem a sua visão, mas não se pode e não se deve, com ela, influenciar os alunos. Pode-se mostrar que há muitas formas de ver a realidade, mas não apenas uma ou outra que seja a melhor e, outras que sejam piores, mas que todas têm seus aspectos bons e ruins. Consequentemente, o professor precisa ser professor e não doutrinador.

▪ **Homo culturalis - A dimensão da cultura e o homem<sup>vii</sup>**

Nesse aspecto, o professor carrega um conjunto de valores construídos culturalmente. Sua maneira de agir, de pensar, de viver, de vestir, de alimentar, de gostar de música, de relacionar-se, tudo isso depende da sua história pessoal, de sua cultura. Na relação com o aluno, ele traz esses valores e os vivencia no cotidiano profissional. O professor, nesse caso, é resultado de uma história cultural. Por outro lado, os alunos também trazem, cada um, sua história pessoal. A maturidade do professor pode valorizar cada uma das histórias culturais dos seus alunos ou pode valorizar apenas as suas como positivas em detrimento das histórias dos alunos. A relação que se estabelece em sala de aula é pautada pelo conjunto de valores culturais que cada personagem traz para o relacionamento. O que se manifesta é o confronto de gerações. O professor, como sendo geralmente uma pessoa com formação acadêmica mais aprofundada do



que a do aluno, tem a obrigação de promover a interação entre histórias culturais e, conseqüentemente, colocar em conciliação valores pessoais e coletivos num patamar de harmonia. Nesse encontro, faz-se necessária uma habilidade racional do professor para conjugar valores de gerações diferentes para construir um futuro para a humanidade. Nesse trabalho, mostrar que o passado é importante para compreender o presente e planejar o futuro. E que cada um tem um papel específico nesse processo de humanização. Logo, ao professor cabe a tarefa de conjugar culturas diversas, elevando-as a um patamar de crescimento pessoal e coletivo, valorizando cada cultura individualizada. O professor exerce a função de reconstruir culturas.

#### ▪ **Homo faber - A dimensão do trabalho humano**<sup>viii</sup>

O professor é um profissional e não um líder religioso que faz o seu trabalho por vocação. Ele pode até entender que seu trabalho é uma missão aqui na terra. Essa é uma questão pessoal de religiosidade; no entanto, vale ressaltar que ele vende sua força de trabalho intelectual e precisa sobreviver nesse mundo capitalista onde se vende e se compra produtos, bens e serviços. O professor não pode e não deve ser entendido e nem se entender como alguém que vive por vocação. Ele é um trabalhador, um profissional da educação que exerce uma função importante na construção de sociedade; afinal, é um formador de opinião. Por isso, todo e qualquer profissional deve receber um salário digno pela sua função. Infelizmente, a história mostra que o papel do professor foi, segundo Oliveira (2004, p.1.129) constituindo-se num “movimento crescente de ‘flexibilização’, ‘precarização’, ‘desvalorização’ e ‘desqualificação’ o que passou a ser nomeado como ‘desprofissionalização’ do magistério”. Isso impactou na própria maneira de ver o professor como profissional. Além do mais, o professor é um ser que constrói ideias, que elabora argumentos, que sistematiza conhecimentos; é um trabalhador na dimensão intelectual. O seu trabalho, nesse sentido, é de construir saberes para e com os alunos.

#### ▪ **Homo ludens - A dimensão do jogo e do divertimento**<sup>ix x</sup>

Muitos autores, dentre eles Rubem Alves, dizem que o papel do professor deve ser aquele que proporciona, no jogo e no divertimento, uma possibilidade de aprender com prazer. O ensino, quando feito nessa perspectiva, traz aos envolvidos, tanto aluno quanto professor, bem estar, desejo de continuar a aprender. O resultado é satisfatório porque o aluno aprende com leveza, com alegria, com vontade. Por outro lado, Emile Chartier também fala sobre o prazer na educação. Embora ele apresente que o prazer é resultado da superação das dificuldades no processo, o prazer aparece como coroamento, tanto para quem ensina quanto para quem aprende. Então, tanto Rubem Alves quanto Chartier abordam a questão do jogo e do prazer no ensino-aprendizado. O professor que tem

esse parâmetro em suas atividades pode sentir-se melhor e proporcionar aos alunos também uma satisfação em aprender. A seriedade da ciência educacional abafa a criatividade, a singeleza, a suavidade, a alegria, o prazer, a satisfação em aprender. O professor precisa recuperar os aspectos do prazer no processo ensino-aprendizagem para desempenhar melhor o seu trabalho.

▪ **Homo religiosus - A dimensão religiosa do homem**

O professor, por ter características de um homem comum, pode eventualmente exercer uma função social na qual manifesta suas crenças em uma religiosidade. Frequentar algum credo religioso e ter suas atividades nesse credo. O que pode complicar bastante seu papel de professor é quando ele mistura as atividades religiosas com as atividades profissionais de educador ou professor. Ambas têm sua importância, mas em instituições diferentes com características também diferentes. Portanto, o professor, sendo um profissional da educação, precisa ter discernimento de que em cada momento e em cada situação suas atitudes e atividades são diferentes. O professor professa uma atividade de elevar o desenvolvimento intelectual do aluno, no sentido de fazê-lo compreender sua vida e as circunstâncias nas quais está inserido. Por outro lado, pode professar uma crença religiosa numa situação fora da sala de aula, num ambiente propício para essa atividade. O que não se pode é confundir as atividades. O professor é, portanto, nesse sentido, um propagador de sonhos, de esperanças, de utopias.

O professor, tendo as características humanas, manifesta nas dimensões que o caracterizam como humano, a igualdade a todos. O que o diferencia é sua atividade profissional de educador de humanidades, de promover um desenvolvimento e uma sistematização da racionalidade própria do homem. Assim, no seu trabalho, vai desempenhando função fundamental para as gerações presentes e futuras, quando traz para a sala de aula e, mais ainda para as suas aulas, teorias e experiências de grandes e pequenos homens sobre a racionalidade. E, com isso, elabora novas racionalidades, mostrando que o homem está em constante construção de si mesmo. Um mundo novo se apresenta como possibilidade, como viabilidade para novas gerações. O professor, nesse sentido, manifesta que é humano igual a todos os humanos e, por está razão, exerce uma função específica no desenvolvimento da humanidade.

***Professor: profissão ou vocação?***

Ao longo da sua formação pessoal e acadêmica, o professor passa por muitas etapas importantes. Uma delas é aquela na qual a convivência pessoal com situações culturais o leva a escolher uma profissão. Outra é

aquela na qual a academia mostra-lhe as teorias elaboradas sobre a educação e a maneira como agir em situações de ensino-aprendizagem. Muitos autores são estudados, vistos e revistos. Nesse percurso de contato com conhecimentos elaborados e em elaboração, solidificam-se algumas ideias. A mais importante é a identificação com o papel de professor. Na medida em que se identifica com as atividades docentes visualiza-se a prática. Então, em contato com as teorias, é possível observar a possibilidade das práticas educativas.

Para exercer a sua função de professor precisa, primeiramente, entender a sua identidade humana. Ela se estabelece na relação consigo mesmo, com o outro e com o mundo, diga-se cultura. Dessa maneira, sua identidade humana se confunde, se entrelaça, se entranha na identidade professoral ou docente.

Na relação consigo mesmo, a indagação básica: quem é o homem que se evidencia e provoca uma situação na qual quer ter uma compreensão do seu eu no mundo? Ao fazer está indagação, o homem se coloca numa perspectiva individual e pessoal, tentando buscar sua singularidade. Nesse sentido, faz um caminho no entorno de sua existência. Tal procedimento requer coragem, astúcia e ousadia porque, nesse processo de introjetar-se para encontrar-se, necessita visualizar o que há no externo. Os componentes externos fornecem subsídios para que ele se perceba único, apesar dos outros.

Ainda nesse aspecto, o homem se encontra quando percebe que todos os outros humanos contribuem para sua sobrevivência. Não se pode pensar numa existência solitária. Isto requer a compreensão de que o homem é um ser de relações. Tais relações podem ser diretas ou indiretas. Diretas ocorrem quando há alguns aspectos de intimidade, de parceria, de companheirismo, de afetividade manifesta na amizade, por exemplo. As relações indiretas acontecem quando há uma interação não presencial, não corporal, mas, sim, por outras vias, como comunidades *online* ou mesmo quando se compra um objeto qualquer; nele tem a presença ausência de um trabalhador, por exemplo. Nas relações diretas ou indiretas nas quais o aspecto pessoal se coloca ao encontro do pessoal ou do coletivo, há de certa forma uma interação entre seres humanos. Logo, o homem além de pessoal, é necessariamente coletivo.

Neste sentido, ele se entende como indivíduo em um contexto amplo que é denominado de comunidade. Nesta comunidade, há aspectos culturais importantes para definir o homem como ser individual. Adquire (ou lhe é atribuído) um nome, reconhecido socialmente, inclusive nos patamares jurídicos. Dessa maneira, ele se vê individualmente na relação ou interação com os outros que também possuem sua individualidade. A junção dessas é que formam o contexto social. Cada ser carrega em si um conjunto de atributos construídos ou agregados. Tais elementos vêm ao homem e se instalam em seu ser de maneira que ele não pode mais dizer que é único. A unicidade do homem se estabelece quando ele é indivíduo

ao mesmo tempo em que é coletivo no contexto social. Por isso, ele é único junto de vários únicos. Isso o caracteriza como sociável; portanto, é um ser de relações.

Mas, também, o homem nasce em um contexto dado. Assume nele sua personalidade. Recebe ou conquista papéis sociais. Os papéis podem estar justapostos, sobressaindo um em detrimento dos outros ou vários papéis sociais podem estar, concomitantemente, em evidência. Na medida em que as experiências pessoais de mundo vão sendo agregadas à leitura deste mundo, a compreensão e a possibilidade de se viver melhor proporcionam oportunidades para o homem assumir outros papéis mais complexos. O homem assume sua personalidade na interação com a comunidade onde vive. Neste caso, ele tem, além de um nome e de seu endereço, uma personalidade, uma forma de interagir concretamente com os outros homens mais próximos, no momento mesmo de viver. É uma pessoa contextualizada, identificada, concreta.

Em tal concretude vai ao encontro de sua singularidade. Assim sendo, o homem, buscando sua singularidade no encontro com o outro, faz um caminho partindo dos aspectos externos e indo à direção dos aspectos internos. Este percurso é o mais adequado, porque o homem, por ser um composto humano, partindo da compreensão coletiva, pode entender que a singularidade é difícil de ser apreendida. É possível dizer então, que o homem tem dificuldade para perceber-se como único, como indivíduo, como pessoa porque ele é constituído coletivamente. Nesse processo de introjeção de significados, ele, inevitavelmente, coloca-se no encontro com o outro ou com os outros. Nesse encontro evidencia o humano. O humano expressa-se no que há de comum ou mesmo de incomum entre os seres da mesma espécie: *homo sapiens*.

Nesse panorama, cabe inserir a pessoa do professor. Ele é um indivíduo numa circunstância estabelecida, porque faz parte de uma cultura, de uma família, de uma realidade social. Por causa disso tem nome, família, tem documentos que o identificam como tal. Também tem um papel social que exerce como docente no meio escolar. Esse papel foi conquistado ao mesmo tempo em que lhe fora atribuído. Isto é, uma universidade ou escola o habilitou, mediante certificação com um diploma, autorizando-o a exercer a função de professor de um determinado conteúdo ou área de conhecimento. Também exerce papéis sociais junto a sua comunidade. O professor tem, obviamente, uma singularidade, isto é, uma maneira própria de desenvolver sua atividade docente. Nela ele pode buscar maneiras diferentes das comuns e ser diferente entre os iguais. Fazer um trabalho pedagógico diferenciado em qualidade, quantidade, eficiência e eficácia para o aprendizado do aluno.

Quando exerce um trabalho diferenciado, geralmente desperta nos alunos interesse e envolvimento e, nesse sentido, atribuem a ele a chancela de vocacionado ao magistério. Pensamos que é um erro crasso, pois o fato de fazer diferente e com dedicação qualquer atividade profissional, gostar

do que faz, não manifesta que é vocação, mas profissão. O professor, nesse caso, escolheu fazer diferente profissionalmente. Gosta de fazer o que faz e o faz bem. Isso chama a atenção dos alunos, da direção, dos outros professores, enfim, de todos os envolvidos na formação do aluno. É aquele professor que se destaca pela competência, seriedade, leveza, prazer no que faz. É, antes de tudo, um profissional da educação, que carrega consigo sonhos, vontades, desejos, experiências, ao mesmo tempo em que valoriza também as dos alunos no processo ensino aprendido. E, mais que isso, desperta nos seus alunos o desejo de também serem professores, porque veem que vale a pena ser professor seguindo esse modelo profissional.

Ao tomarmos a história da educação brasileira, vamos perceber que houve, em alguns momentos, um trabalho realizado pelos religiosos e, por essa razão, tinham a característica de vocação, pois acreditavam que foram chamados a exercerem essa atividade como pastoral. Entretanto, podemos observar que essa ideia já não mais se coaduna com a realidade da educação escolar, principalmente porque quem ministra aulas são pessoas leigas, não religiosas, que precisam receber um salário para sobreviver. Isso é entendido, no sistema capitalista, como venda da força de trabalho intelectual. Se há venda, alguém deve pagar por esse trabalho. Diante disso, então, descartamos a ideia de que o trabalho docente seja caracterizado como vocação.

Obviamente que as pessoas escolhem ser professor ou por gostar de lidar com pessoas ou por condição de classe social, ou por diversas razões. Não importam as razões pelas quais o professor fez a escolha para exercer essa atividade. Ele está numa situação profissional e precisa exercer uma função. Portanto, recebe um salário pelo exercício profissional que executa.

Tal função pode ser exercida de maneira prazerosa ou não, porque depende do interesse com que a pessoa fez a escolha ou exerce a relação entre seres humanos. Duas situações nos permitem entender melhor essa questão: primeira, o professor que escolhe ser professor; segunda, o professor passa pela docência por causa da pesquisa.

No primeiro caso, ele se identifica com a profissão, gosta do que faz, empenha-se ao máximo para fazer o seu trabalho docente e preocupa-se com a qualidade do seu desempenho de maneira que o aluno seja o principal sujeito do processo. Ele, o professor, é apenas um coadjuvante nos processos de ensino e aprendizado. Nesse sentido, ele marca com sua presença pela dedicação, compromisso, responsabilidade, humanidade, sensibilidade, humildade intelectual, profissionalidade, exercendo uma professoralidade competente. Ele, geralmente, é inspiração a outros que queiram também ser professores.

No segundo caso, o professor é aquele que, na verdade, é um pesquisador e, por causa disso, intenta estar numa universidade, preferencialmente pública. Para isso, ele deve entrar nela por meio da docência. Presta concurso público para o magistério, mas, na realidade, ele

quer fazer suas pesquisas e assume como pré-condição a sua atividade na sala de aula. Não gosta de ministrar aula, não gosta de trabalhar com pessoas. O seu trabalho no magistério passa a ser um peso e a consequência disso é que os alunos sofrem os desmandos ou mandos autoritários, os descontentamentos, os descaminhos e, para não dizer, a incompetência pedagógica de tais professores. Nesse caso, o professor é tudo aquilo que um professor não deve ser e fazer no magistério.

O professor nem sempre exerce uma atividade que leva o aluno a um patamar de aprendizado, tendo como base o humano pelo humano. Isto é, no segundo caso, o professor geralmente se relaciona com o aluno como empecilho e não como parceiro no processo ensino aprendizado. Empecilho porque, para se relacionar com o aluno, ele deve preparar e aplicar provas, trabalhos e outras atividades para avaliar o aprendizado do aluno. Entretanto, para esse professor, o que importa é seu interesse em aperfeiçoar seus conhecimentos e, se o aluno ajuda nesse aspecto, é valorizado; do contrário, não se preocupa com o aprendizado do aluno porque este não contribui nas pesquisas.

### ***Ser professor é um desafio para a formação da cidadania.***

Diante desse panorama de ideias, pensamos que o professor tem um papel fundamental no que se refere à formação do cidadão. Para a formação desse cidadão, faz-se necessário ter consciência do que é ser cidadão e exercer as funções da cidadania.

Vivemos nos últimos séculos sob a égide da moral burguesa. Consiste, todavia, em entendê-la como a que

[...] trata de justificar e regular as relações entre os indivíduos<sup>xi</sup> numa sociedade baseada na exploração do homem pelo homem, do mesmo modo se lança mão da moral para justificar e regular as relações de opressão e de exploração no âmbito de uma política colonial e neocolonialista, hoje, neoliberal e globalista. (VAZQUES, 2010, p. 50).

O homem do século XXI está vivendo uma realidade, cujos valores mais íntimos, bem como os comportamentos morais, estão se modificando e, por causa disto, novos procedimentos sociais de relacionamento também estão surgindo. Isso significa que nova moral está sendo construída a partir das circunstâncias sociais nas quais o homem está inserido.

A sociedade humana constituída em seus pressupostos históricos manifesta a interação e/ou contradição entre duas forças: o poder do governo hegemônico e a força da cultura estabelecida. Isso significa que houve, nas comunidades humanas, antagonismo característico e manifesto de forma evidente. Essa ideia, por ser de cunho dialético, coloca-nos dentro de um patamar de reflexão filosófica, impulsionando a busca de entendimento desses meandros do poder.

Queremos refletir, primeiramente, sobre a manifestação da aparência do poder, principalmente na moral burguesa. Esta aparência se manifesta concretamente entre os homens em sociedade com implicações comportamentais que têm sustentação na ideologia dominante.

Nesse aspecto, a interação entre os homens se estabelece pela busca do poder. Primeiramente, o poder do físico através da força. Para isso, foram criados mecanismos de competição. Quem vencida era condecorado com troféus. Criaram-se assim, as olimpíadas. A partir daí, eram selecionados os mais hábeis em provar a destreza no manuseio de armas e a capacidade física de superar o outro nas lutas corporais. O vencedor tinha privilégios e benefícios irrestritos, principalmente porque promovia espetáculos aos outros. A consequência dessa atividade foi criar cidadãos para os exércitos. Desde a tenra idade eram preparados para esta tarefa junto ao Estado.

Mas, também, encontramos na história outra forma de se manifestar o poder através da capacidade racional. Basta dar uma olhada para os gregos antigos e vamos encontrar vários espécimes: Sofistas, Sócrates, Platão, Aristóteles para citar apenas alguns.

Outra forma de manifestação expressa na história humana é a força do raciocínio e do interesse em usufruir os benefícios em relação aos outros. Explicando melhor, no feudalismo os senhores e escravos promoveram, em seus relacionamentos, a estruturação da suserania, as feiras livres, os artesãos e seus respectivos aprendizes. Esta atitude social era caracterizada como formas de exploração do trabalho do outro para obter benefícios graças à arquitetura social, aceita como fato social normal. Alguém trabalhava e outro alguém usufruía desse trabalho (através do uso da força física e intelectual se subjugava).

Esse processo solidificou-se com o surgimento da burguesia incipiente ainda, mas com força de raciocínio e capacidade de acumulação de bens materiais não perecíveis. Vamos encontrar vários eventos na história que demonstram a crescente acumulação e a força disso transformada em poder. A independência dos EUA, a Revolução Francesa, a Revolução Industrial, apenas para citar algumas, manifestam a ascensão da burguesia, tanto econômica quanto politicamente. Com isso, a sociedade passou também por momentos de transformação e consequente submissão ao poder ideológico veiculado, implantado e solidificado através das classes sociais, criando, conseqüentemente, uma moral burguesa onde os homens aprenderam a conviver com valores (transitórios) que iam sendo estabelecidos socialmente, culturalmente.

Com o surgimento do Estado enquanto representante do poder, as classes sociais foram se solidificando consistentemente. O Estado surgiu para organizar o poder social, mas foi definindo-se como aquele que detém o poder de estabelecer e fazer cumprir as leis. Com o surgimento, ascensão e conquistas políticas e econômicas da burguesia o Estado foi se

caracterizando com outro viés: a serviço da burguesia. Fica claro que o Estado, detendo o poder de gerir a política social bem como os recursos econômicos e o poder advindo deles, está aberto à burguesia interessada em seus benefícios. Por causa disto, pode injetar montantes significativos de recursos financeiros no Estado de forma que a burocracia estatal funcione. Obviamente este fato de injetar dinheiro no Estado dá à classe burguesa o direito de estar no poder, mesmo que indiretamente devido ao compromisso dos governantes para com ela. Assim sendo, o Estado necessariamente desvia-se do seu papel precípua que é representar a vontade do cidadão (DALLARI, 2004). E fica submetido à vontade de quem faz a injeção de recursos vultosos. Dessa forma, o Estado se descaracteriza de suas funções básicas e mais importantes que é a de atender à população, aos cidadãos em suas necessidades básicas essenciais.

Todo esse panorama revela que o poder e sua manifestação perpassam a força física, e se sustenta nas forças da ideologia dominante. Para fazer valer os recursos do controle social<sup>xiii</sup> mediante lei, são determinados os comportamentos dos homens. Assim, a moral burguesa se implanta não só nos mecanismos políticos vinculados ao poder e à ideologia dominante, mas, principalmente, na consciência do indivíduo. Isso tem implicações na criação de novas maneiras de comportamentos em sociedade.

Estamos vivenciando, nos últimos séculos, a grande corrida pelo poder político, econômico. Não o poder centrado no Estado, mas centrado no mercado internacional, denominado de globalização. Quem tiver maior infiltração no comércio mais poder terá. Essa corrida pelo domínio internacional, além de colocar a moral estabelecida em crise, promove a necessária criação de novos patamares de valores humanos. Diante desse fato, o homem vai tentando compreender quais valores são válidos para si e para a comunidade onde vive. Está situação de crise de valores essenciais implantada para o homem provoca corrida desesperada pela identidade do homem, na busca de sua singularidade, sua personalidade, sua sociabilidade, seus hábitos, seu modo de viver, enfim, sua moral pessoal e coletiva.

Essa ideia nos ajuda a entender todos os procedimentos que se evidenciaram na história em benefício de alguns e em detrimento de uma maioria. Isso significa que a questão social, enquanto desarticulação da relação humana, vai se afirmando na crise política, econômica, ética, dentre outras. A força ideológica manifesta-se como procedimento no qual o valor do homem se deteriora gradativamente. O viés econômico provoca uma busca de outros paradigmas (KUHN,1996) sociais: a exploração total e absoluta do homem sobre outro homem faz uso do disfarce do bom cidadão porque lhe implanta a ideia de que há a oportunidade ainda de trabalho. No viés político, afigura-se a implantação da ideia do bom cidadão como aquele que segue as normas da empresa e até ganha o título



de 'operário padrão'. Ambas são equivocadas por razões de estrutura conceitual.

Explicando melhor. No viés econômico, o que predomina é a força física do homem sendo vendida e comprada. Portanto, transformada em mercadoria tanto quanto os outros aspectos inerentes ao humano que não são valorizados, ou melhor, esquecidos pelo sistema econômico propositadamente. Significa que, vendendo sua força física e transformando-se em mercadoria, é concomitantemente visualizado como quem está exercendo um papel relevante. Entretanto, a relevância disso está arraigada na perspectiva ideológica de submissão ao fator econômico. Assim, o homem se vê a partir dos olhos dos dirigentes da sociedade capitalista, ou melhor, com o olhar para si do ponto de vista do capitalista que lhe atribui valores construídos nesta ideia. Portanto, são incorporadas ideias de que estão exercendo um papel digno social e economicamente: fazem o Estado crescer e melhorar a condição de vida humana. Estão contribuindo para seu crescimento, bem como o dos outros. Desta maneira, é implantada a ideologia, como 'falsa ideia de mundo'.

Sob o viés político, pelo qual são implantadas, na consciência social dos homens, as ideias de cidadania, há vários estigmas que necessitam de discussão. O primeiro e mais importante deles é a participação do cidadão enquanto eleitor que escolhe o dirigente. Dentro desse aspecto, há algumas e importantes contradições: obrigatoriedade<sup>xiii</sup> do voto com escolha. Se se é obrigado a votar, pode-se inserir a pergunta básica: como há liberdade de escolha? Principalmente porque o cidadão escolhe uma ou algumas pessoas dentre as possibilidades que lhe são apresentadas; portanto, escolhidas para ele. É uma contradição evidente porque, por um lado, ele é chamado a participar sob coação (obrigatoriedade) e, por outro, são apontadas alternativas a serem escolhidas a partir de escolhas prévias, mediante as convenções partidárias regionais, estaduais e nacional. Assim, podemos entender que a cidadania pelo voto é falsa e extremamente contraditória e falaciosa.

Outro aspecto do estigma é o cidadão que participa dos destinos do Estado. Esse é o aspecto pelo qual se desenvolve a outra contradição também bastante instigante: inserção e determinação, por exemplo, de impostos sem que sejam discutidos com quem paga. Isso significa que o Estado define quais são as fontes de arrecadação de fundos para se manter. Aqui se pode perceber que, a cada momento, são criados novos mecanismos de arrecadação. Os 'representantes' do 'Povo' têm o direito de definir quais são as formas e as cifras, a porcentagem que se deve cobrar. Assim, se no voto não há efetiva escolha do seu representante e no estabelecimento de impostos não há participação na decisão, então estamos diante de uma crise de identidade social do homem.

Acreditamos que seja fundamental, para manutenção do Estado, o pagamento dos impostos. Mas, ao mesmo tempo, enquanto cidadãos, temos o direito de saber quais são os destinos do montante arrecadado pelo

governo. Estamos visualizando frequentemente os desvios de verbas por alguns dirigentes, sonegação de impostos por outra parte governante da sociedade, corrupção instalada desmedidamente. O cidadão participa involuntariamente desse esquema. Às vezes, os consumidores não têm consciência de quanto imposto está embutido nos produtos consumidos. Isto, por causa dos meios ideológicos de divulgação dos produtos bem como a criação da necessidade do consumo destes. Estes meios estão encarregados de criar uma ideia de comportamento econômico e, portanto, valorativo nos cidadãos. A consequência disto é que o comportamento econômico tem como escopo, também, o comportamento moral.

Outro estigma político é aquele que diz respeito aos deveres do Estado: saúde, educação, moradia, emprego, dentre tantos. São de responsabilidade do Estado as políticas públicas para atender a cada um destes aspectos sociais (DALLARI, 2004). Mas também pode ser efetivado o incentivo a novas iniciativas civis, de maneira que naquilo que o Estado não conseguir atender, os setores sociais podem fazer a sua parte. Dessa maneira, o cumprimento das ações do governo se estabelece quando repassa para a sociedade o que não pode fazer. Todavia, acreditamos que os governantes possam e devam gerir o público de maneira séria, isenta e objetiva, com competência ética.

Esses três aspectos mostram que as questões políticas são sérias. Primeiramente, o Estado exige que o cidadão participe efetivamente votando, pagando impostos e dando a sua contribuição social. Por outro lado, faz pouco ou quase nada para este mesmo cidadão que o sustenta economicamente. Assim, não cumpre com o seu maior e mais importante papel: fazer política a serviço do cidadão.

Diante desse espectro social, queremos dizer que o Estado, a serviço do poder econômico, exerce uma força ideológica de maneira que estabelece comportamento através das leis. Portanto, uma ética normativa. E, em função do poder político, econômico exerce o direito de também normalizar o comportamento social do homem através dos meios de comunicação de massa.

Outro aspecto também importante são os meios de comunicação apoiados e instalados pelo Estado para divulgar a ideologia capitalista, fazendo valer a ideia de que ser cidadão é participar do governo, direta ou indiretamente.

Assim, os comportamentos vão sendo construídos segundo as informações que as pessoas ouvem e as imagens que veem estampadas nos diversos meios de comunicação de massa, além daquelas que passam de pai para filho, de geração para geração. Para tanto, “a comunicação e as mídias, os comunicadores e os publicitários, selecionam as imagens daquilo que querem que o mundo venha a ser, especialmente ornadas de artifícios sedutores e, por isso mesmo, mais vulneráveis” (DUPAS, 2001, p.51). Dessa maneira, vão sendo estipulados procedimentos de caráter moral porque

novos costumes, hábitos e regras comportamentais passam a ser estabelecidos. Diante disso, cabem, portanto, algumas indagações para serem pensadas: as mudanças culturais que acontecem, proporcionam ao homem a busca da felicidade? Os impactos das informações que o homem recebe diariamente contribuem para que ele possa ter mais conhecimento de si? Ou, ainda, em que circunstâncias esta nova cultura, impregnada de novos valores, conduz o homem ao encontro de si mesmo enquanto um ser social de relações interpessoais?

Da mesma maneira como os meios de comunicação têm este peso na elaboração de novos comportamentos sociais, eles também divulgam os resultados das pesquisas e vão estabelecendo, sorrateiramente, uma verdade que as ciências dizem ser 'a verdade'. Obviamente, as ciências também estão a serviço do econômico e do financeiro e, por esta razão, detêm certo poder de dizer sobre tais verdades. Mais que isso, estabelecem, de forma categórica, quais as verdades válidas e quais as refutadas e refutáveis. Nesse panorama, é fundamental e necessário que busquemos, dentro dessas verdades, quais ideologias estão sendo atendidas. O desafio não é simples porque, para isso, temos que nos subsidiar de conhecimentos produzidos por elas (diga-se, pelas ciências). Daí o grande empreendimento dos intelectuais no mundo do conhecimento. Não nos é possível ter acesso a todas elas, mas é possível termos, a partir de uma indagação filosófica séria, comprometida e isenta, compreensão de quais as ideologias subjacentes às verdades estabelecidas como tais. Também não é um trabalho para todos. Apenas alguns podem fazer esta tarefa.

E, para isso, faz-se necessário embrenhar-se nos labirintos metodológicos das ciências e aí, nesse ínterim, descortinar seus significados e seus procedimentos formadores da verdade. É uma tarefa árdua porque o conhecimento específico da área deve estar em evidência nesse momento. E quem se propuser a fazer tal tarefa precisa ter, pelo menos, algum conhecimento sobre esta área específica, além dos procedimentos metodológicos utilizados para tal fim. Assim sendo, esse inserir-se nessa dimensão de conhecimento pode trazer contribuições incalculáveis para a humanidade. Por causa disso, é também cabível, nesse trabalho de garimpagem, posturas éticas para ser verdadeiro quanto à manifestação da verdade descortinada em cada ciência específica.

Enquanto as ciências buscam explicações para os fenômenos naturais ou sociais o desafio é posto de forma evidente, para a humanidade que espera os resultados efetivos desse procedimento. Dupas (2001, p. 46) afirma que "[...] as revoluções da ciência acumuladas até a metade do século passado - e transformadas em novas tecnologias - têm provocado enormes mudanças no modo como bens e serviços são produzidos e, especialmente, no modo como eles são distribuídos ao consumidor".

Todavia, para fazer ciência(s) temos que nos valer da pesquisa em diversas instâncias do conhecimento humano. Os procedimentos pelos quais as pesquisas, atendendo às exigências científicas e apoiadas pelo

aparato financeiro e econômico, tendem a estabelecer a verdade como determinante e, por isso mesmo, passa a ser cultural. Esse processo de aculturação<sup>xiv</sup> das ciências e suas verdades atinge, em última instância, a população menos esclarecida sobre os meandros científicos. Explicando melhor, os resultados obtidos por intermédio das pesquisas, a serviço de uma ciência burguesa, vão na direção de quem pode consumir tais produtos. A ciência, com o poder de estabelecer a verdade; os meios de comunicação de massa, com o poder de divulgar tais verdades; a moral burguesa, com o poder econômico e financeiro detém, conseqüentemente, o poder da ciência e dos meios de comunicação de massa e, por esta razão, diz sobre a maneira de comportar dos homens. Esse dizer não é explícito, mas histórico e cultural, ou seja, vai sendo incorporado lentamente e passando de uma geração à outra, de um grupo a outro, de um indivíduo a outro.

A ética, então, assume um papel imprescindível quando busca explicação para esse fato social – termo criado por Durkheim – visto que o homem, em cada momento histórico, incorpora em seus atos o que é socialmente aceito. Obviamente que isto não acontece como em um passe de mágica, mas gradativamente, mediante a linguagem, os costumes, os hábitos, os valores, os significados que são divulgados entre os homens. Nesse momento a moral vai sendo estabelecida porque é, juntamente com a formação da consciência pessoal e coletiva, que ela adentra na consciência<sup>xv</sup> humana e governa os comportamentos sociais. Aí, também, nesse processo são estabelecidas as regras de convivência entre os homens.

Por sua vez, a ética explicita os meandros dos comportamentos e a quais ideologias estão ligadas. Por seu turno, a moral vai sendo construída a partir da vivência cotidiana de cada pessoa integrada no grupo que representa a ideologia vigente e hegemônica. Assim, entendemos que é necessário compreender tanto os meandros das ideologias quanto os meandros dos comportamentos, pois é a partir deles que conseguiremos ter uma percepção real do que o homem vive em seu dia a dia, em seu mundo pessoal e coletivo, na sua cultura regional, nacional e até mesmo internacional.

Esse desafio também assume dimensões teóricas fundamentais por causa da necessidade humana de viver os seus valores. Os valores não são compreendidos segundo Vásquez (2006, p.141), como “[...] propriedade dos objetos em si, mas propriedade adquirida graças à sua relação com o homem como ser social. Mas, por sua vez, os objetos podem ter valor somente quando dotados realmente de certas prosperidades objetivas”.

Isso significa que valor em si mesmo existe apenas na abstração da filosofia, mas os valores morais estão intimamente ligados ao relacionamento entre indivíduos num contexto social. Ou seja, a significação que os próprios homens atribuem aos seus relacionamentos. Os objetos têm valor em si, como valor dos próprios objetos e não valor moral. Somente quando ele proporciona a relação entre humanos é que ele

passa a ter sentido de valor moral. Dessa maneira, há os valores éticos, estéticos e religiosos, conforme comentado anteriormente.

Diante do exposto, podemos definir a ética por reflexão sobre os princípios humanos em suas vivências cotidianas e, por moral, a efetiva vivência desses princípios através de hábitos, costumes, comportamentos manifestos no conjunto de valores criados pelo próprio homem. Ambos pautados pelos valores construídos culturalmente.

Nesse panorama, inserimos o professor e seu atributo como formador de opinião. Por estar dentro dessa perspectiva humana do ser social, vivenciar a realidade política, econômica, ideológica, ética e fazer uso da linguagem para se comunicar, a sua responsabilidade se agiganta na medida em que se forma e exerce a sua função de professor. Principalmente pensando que o professor, por ser formador de opinião, contribui na formação do cidadão. Formação esta que se caracteriza por evidenciar os direitos e os deveres de cada um dos homens e de todos os homens conjuntamente. Formar cidadão pressupõe, primeiramente, ter consciência do que é ser cidadão. Partimos do princípio de que o professor é um cidadão e que tem essa consciência, agindo como tal. O desafio, portanto, está posto: além de ser um cidadão e fazer valer os seus direitos, mostrar aos alunos – cidadãos – que eles também têm direitos e que precisam ser reivindicados, se não os têm.

O papel do professor na formação do cidadão é cobrado por todos os que estão envolvidos, de alguma maneira, na relação com a escola e com o processo educativo escolar. Cabe, então, ao professor buscar uma formação mais ampla na política, na filosofia, na ética, na cultura, enfim, subsidiar-se de conhecimentos sobre cidadania para proporcionar aos seus alunos os caminhos e os mecanismos para alcançar os direitos que a ideologia burguesa usurpou do homem há muito tempo. Assim, fazer erigir a cidadania na consciência dos seus alunos de maneira que vivam como verdadeiros cidadãos.

### *Considerações finais*

Com essas ideias expostas, podemos dizer que o professor é um ser humano que carrega, em seu ser, atributos importantíssimos para exercer um papel social como docente. Tais atributos contribuem para que ele possa vivenciar o seu dia a dia de maneira a oferecer aos seus alunos um pouco de seu conhecimento e de sua experiência. A formação dos seus alunos depende, em parte, da sua maneira de ensinar. Acreditamos que o professor que ensina bem, certamente foi um bom aprendiz. Porque, para ensinar, é necessário ser detentor de uma sabedoria pedagógica que a escola não ensina. Ela vem com o professor que se identifica com o

exercício da profissão e, mais que isso, se vê professor em todos os momentos e não apenas em sala de aula, no contato com os alunos.

A formação do professor deveria estar vinculada, principalmente, à preparação e o despertar dessa sabedoria pedagógica que é um dos maiores atributos do professor. Tal sabedoria pressupõe gostar de estudar, gostar de pensar sobre si mesmo, sobre o outro e sobre o mundo e, para isso, o processo de formação do professor precisa ser bom o bastante para que ele desperte em sua vida a função de educador. Para educar, o professor necessita saber os conteúdos da sua área de conhecimento, mas também, conhecer métodos e técnicas de ensino e de aprendizagem para que, no seu ofício de mestre, ele possa evidenciar suas potencialidades. Cada professor tem suas potencialidades que precisam ser evidenciadas em algum momento de sua formação para que ele a exerça com pleno domínio, em sua função. A formação do professor é um desafio suficientemente grande porque deve saber que sabe tanto quanto saber que não sabe e que precisa aprender a aprender. A junção do seu saber existencial, suas experiências solidificadas e o processo de elaboração de novos conhecimentos são impulsionados pela sabedoria pedagógica.

O professor, para exercer sua função, também deve ter plena consciência de que é portador de todos os atributos humanos que a humanidade elaborou ao longo da sua evolução. Significa que o professor é um homem como qualquer outro; apenas exerce uma função para sua sobrevivência, como outro ser humano qualquer. O que diferencia sua existencialidade é o papel social que exerce. Todas as outras profissões têm sua raiz na atividade do professor; há sempre alguém em algum momento que ensinou o ser humano a exercer alguma atividade profissional. Esse alguém pode ser reconhecido, identificado ou não. Independentemente de ser evidenciada a atividade do professor, porque professa, ensina, mostra caminhos, orienta, instrui, ele tem sua importância. Assim, o professor é um personagem fundamental para a humanidade; por isso, carece de ser respeitado primeiramente como ser humano e, depois, como profissional que, com dedicação, compromisso e responsabilidade cumpre o seu papel de formador de humanidade. Assim, não podemos dizer que é uma vocação, mas uma atividade-profissional-base para todas as outras. Talvez por isso ela não tenha tanto valor porque ela é a base, o sustentáculo, o subsídio, o alicerce para as outras.

Não somente o professor prepara outros profissionais, mas, no bojo desse trabalho, também mostra para seu aluno que ser cidadão é fundamental. Mostra que, para ser cidadão, faz-se necessário buscar os direitos e deveres sociais tanto quanto assumir a responsabilidade de se formar cidadão. A cidadania pressupõe atitude social, de maneira que todos tenham os mesmos direitos e deveres e que cumpram as convenções culturais que foram estabelecidas conjuntamente. No seu ofício, o professor mostra esses aspectos direta ou indiretamente e cabe aos alunos saberem como compreender tais fatos. Assim, o professor também exerce um papel

fundamental e imprescindível na formação do caráter humano. Não determina, mas contribui para que o aluno se faça homem e cidadão.

Ser professor, portanto, é exercer uma função social que contribui com a formação de outros humanos, desenvolve a potencialidade racional para compreender a si mesmo, o outro e o mundo. Para tanto, evidenciam-se as características essenciais e com elas podemos dizer inspirados em Nietzsche: o professor é um ser humano, demasiadamente humano.

### **Referências Bibliográficas**

CHARTIER, Emile. *Propos sur L'éducation*. France: Presses Universitaires de France, Dépôt Légal, 1972.

DALBERIO, Oswaldo. *Prazer versus disciplina: um estudo sobre propostas pedagógicas contemporâneas*. Dissertação de Mestrado. Programa de Mestrado em Educação na UNICAMP, 1990.

DALLARI, Dalmo de Abreu. *Direitos humanos e cidadania*. 2.ed. São Paulo: Moderna, 2004. (Coleção polêmica)

DUPAS, Gilberto. *Ética e Poder na Sociedade da Informação*. São Paulo: UNESP, 2001.

FERREIRA, Aurelio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da língua portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro, 1986.

KUHN, Tomás. *A estrutura das revoluções científicas*. Tradução Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 1970.

Linguagem. Disponível em: <<http://www.freakpedia.org/freak/index.php?viewArticle=672>>. Acesso em: 04 de dez. 2013).

MARKERT, Werner. *Novas competências no mundo do trabalho e suas Contribuições para a formação do trabalhador* (UFRN). Disponível em:<http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/0905t.PDF> . Acesso 02 dez., 2013.

MONDIN, B. *O homem, quem é ele?: elementos de antropologia filosófica*. Tradução R. Leal Ferreira e M. A. S. Ferrari. São Paulo: Paulus, 1980.

MORIN, Edgar, 1921- *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; 2. ed. São Paulo : Cortez ; Brasília, DF : UNESCO, 2000

OLIVEIRA, Dalila Andrade. A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilidade. *Revista Educação e Sociedade*, Campinas, CEDES, v.25,n.89,p.1.127-1.144. set./dez.2004)

POLÍTICA. Online. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Pol%C3%ADtica>>. Acesso em: 02 dez.2013.

REBOUL, Olivier. *A Doutrinação*. Companhia Editora Nacional/Edusp.:São Paulo, 1980

TEIXEIRA, Evilázio Francisco Borges; MÜLLER, Marisa Campio Juliana; SILVA, Dors Tigre da. (Orgs.). *Espiritualidade e qualidade de vida*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

Trabalho (online). Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/o-trabalho-na-balanca-dos-valores/>>. Acesso 04 de dez. 2013.

VAZQUEZ, Adolfo Sanchez. *Ética*. 28.ed. Rio de Janeiro, 2010.

---

## NOTAS

<sup>i</sup> Para compreender melhor sobre família, ler o capítulo 2: A Família e sua constituição social, escrito pelo autor e publicado no livro **Família: conjuntura, organização e desenvolvimento**, editado pela UNESP, campus de Franca em 2007.

<sup>ii</sup> Para maiores conhecimentos a respeito das dimensões do homem, consultar: MONDIN, B. **O homem, quem é ele?**: elementos de antropologia filosófica. Tradução R. Leal Ferreira e M. A. S. Ferrari. São Paulo: Paulus, 1980.

<sup>iii</sup> Verificar Platão. Ele aborda as questões do conhecimento intelectual, principalmente no diálogo **Fedon**.

<sup>iv</sup> Estamos pensando nas contribuições que Aristóteles ofereceu para que pudéssemos entender as questões voltada à felicidade como busca primeira e última do ser humano. Sugerimos a leitura do texto: **Ética a Nicômaco** de Aristóteles na coleção *Os Pensadores*.

<sup>v</sup> Para Platão a linguagem podia ser *pharmakon*, que significa remédio, veneno e cosmético. Aristóteles decidiu tratar das questões da lógica e do nome dos objetos. Bertrand Russell começou a elaborar teorias sobre as questões da lógica por meio da Filosofia Analítica. Wittgenstein contribui com muitas teorias da filosofia da linguagem. Sua principal obra foi o livro **Tractatus Logico-Philosophicus**, onde o objetivo é explicar como a linguagem pode representar o mundo. No livro é apresentada a teoria pictórica do significado. Tal teoria diz que nossos pensamentos e nossa língua sempre se referem a imagens ou representações de nosso mundo, como um modelo da realidade que formulamos em nossa mente, tal modelo pode condizer ou não com a realidade que imaginamos. No livro são apresentadas três proposições: 1) As proposições factuais: proposições que podem estar de acordo com a realidade; seus valores de verdade (verdadeiro ou falso) dependem de uma confrontação com a realidade. 2) As tautologias: proposições complexas, necessariamente verdadeiras, mas são pobres de conteúdo descritivo. 3) As contradições: proposições complexas, necessariamente falsas, e também pobres de qualquer conteúdo descritivo. Wittgenstein por meio de suas proposições estabelece a relação filosófica entre dizer e mostrar. Esta relação também nos leva a pensar no místico, nas coisas absurdas ou sem sentido.

<sup>vi</sup> Sugerimos a leitura do livro: REBOUL, Olivier. **A Doutrinação**. Companhia Editora Nacional/Edusp.:São Paulo, 1980.

<sup>vii</sup> Sugerimos a leitura do livro: CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução Viviane Ribeiro. 2.ed. Bauru-SP: EDUSC, 20012.

<sup>viii</sup> Algumas concepções clássicas de trabalho:

Na **Política**, Aristóteles afirma que o trabalho é incompatível com a vida livre e defende o ócio, diferenciando-o da preguiça. Segundo ele, “exaltar a inércia mais do que a ação não corresponde à verdade, porque a felicidade é atividade”. É no ócio que o homem encontra a virtude, qualidade relacionada à prática. Para a Antiguidade Clássica, os cidadãos não deveriam ser artesãos, mercantes ou camponeses, pois não restaria tempo para as atividades política, filosófica e artística.

Para Santo Agostinho, o trabalho era um preceito religioso. Trabalhar e rezar deveriam ser as atividades gloriosas de todos os cristãos. Ele considerava a agricultura a principal atividade humana, verdadeiro ato religioso. O labor era, portanto, uma forma de impedir que o ócio conduzisse o homem aos vícios. No livro *Sobre o trabalho dos monges*, ele apresenta a doutrina do trabalho manual, dissolvendo os argumentos que existiam na época contra esse tipo de labor.

O trabalho como garantia de salvação eterna: essa é uma das ideias presentes da teologia protestante. Para Max Weber, o enaltecimento do trabalho foi decisivo para o desenvolvimento do capitalismo industrial. O sociólogo explica que, para o protestantismo de João Calvino, as habilidades do trabalho devem ser incentivadas, na medida em que são ofertas divinas. A teoria da predestinação afirma que um dos sinais de salvação é justamente a riqueza acumulada. Incerto seu destino, o fiel buscaria, incessantemente, o trabalho e o lucro.

A ideia de Hegel, de que o trabalho é a mediação entre o ser humano e o mundo, está presente no livro **Lições de Jena** (1803-1804). Ele afirmava que o trabalho era uma atividade espiritual e que o homem só podia ser realmente homem se fosse capaz de satisfazer suas necessidades por meio do trabalho. Segundo Hegel, que formulou a primeira teoria filosófica do trabalho, a atividade faz com que o egoísmo seja substituído pela realização das necessidades de todos. A liberdade em sociedade também seria fruto do trabalho.

A crítica do trabalho no mundo industrial feita por Karl Marx permanece definitiva como denúncia da exploração do trabalho no século 19. Marx fez a análise das relações de trabalho trazendo conceitos novos como trabalho concreto e abstrato, trabalho morto, trabalho vivo. Como para Hegel, em Marx o trabalho faz a mediação entre homem e natureza. Os homens definem-se pelo que fazem, e a natureza individual depende das condições materiais que determinam sua atividade produtiva. Pelo trabalho se altera a relação do homem com a natureza.

Em **A condição humana**, Hannah Arendt retoma a distinção grega das três atividades fundamentais: labor, trabalho e ação. O labor corresponde ao processo biológico do corpo do homem pela sobrevivência. O trabalho propriamente dito, que corresponde à *poiesis*, significa fazer, fabricação, criação de um produto por técnica ou arte; corresponde ao artificialismo da existência humana. A ação, por sua vez, se exerce diretamente entre os homens, sem a mediação das coisas nem da matéria. É o domínio da atividade em que o instrumento é o discurso, a voz e a palavra. (**Trabalho** (online). Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/o-trabalho-na-balanca-dos-valores/>>. Acesso 04 de dez. 2013.

<sup>ix</sup> Consultar dissertação de mestrado “**Prazer versus disciplina**: um estudo sobre propostas pedagógicas contemporâneas” realizada pelo autor, no programa de mestrado em Educação na UNICAMP em 1990, onde faz uma pesquisa sobre o pensamento pedagógico de Rubem Alves e Emile Chartier, trazendo as contribuições de cada um deles para a compreensão do prazer na educação e mais especificamente no processo ensino-aprendizado.



---

\* Sugerimos a leitura de Morin, Edgar, 1921- **Os sete saberes necessários à educação do futuro**; tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya ; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. – 2. ed. – São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000. Os sete saberes indicados no livro: 1-As cegueiras do conhecimento; 2- Os princípios do conhecimento pertinente; 3-Ensinar a condição humana; 4-Ensinar a identidade terrena no século 21 (a era planetária exige um pensamento policêntrico nutrido das culturas do mundo); 5- Enfrentar as incertezas ligadas ao conhecimento; 6- Ensinar a compreensão (“ a ética da compreensão pede que se compreenda a incompreensão”); 7- A ética do gênero humano (“...o imperativo tornou-se salvar a humanidade, realizando-a”).

<sup>xi</sup> Indivíduo é “a pessoa humana considerada quanto às suas características particulares, físicas e psíquicas” (FERREIRA, 1986) em relação com o coletivo. Não podemos entender o indivíduo humano sem relacioná-lo ao coletivo, ao social, ao cultural. Todo indivíduo é um coletivo necessariamente. Nele está o social ou pelo menos a manifestação do social onde ele se fez e se faz.

<sup>xii</sup> O controle social é um dos meios mais utilizados por uma sociedade para ‘enquadrar’ seus membros recalcitrantes. Os métodos de controle variam de acordo com a finalidade e o caráter do grupo. O indivíduo ao situar-se na sociedade situa-se em relação a muitas forças repressoras e coercitivas. Os mecanismos sociais funcionam de maneira a eliminar membros indesejáveis ou para estimular os outros a viverem as normas estabelecidas. Berger (1986) faz uma brilhante explicitação sobre os vários tipos de controle social existentes. Assim, segundo ele, há como controle social: a violência física ou psicológica, as sanções econômicas, a persuasão, o ridículo, a difamação, o opróbrio e o ostracismo, a afirmação fraudulenta, a moralidade, os costumes e convenções, o desemprego e a solidão, a burocracia esclarecida (demissão ou tratamento psiquiátrico), a assistência, a orientação e a terapia, dentre outros.

<sup>xiii</sup> Art. 7º O eleitor que deixar de votar e não se justificar perante o Juiz Eleitoral até 30 (trinta) dias após a realização da eleição incorrerá na multa de três a dez por cento sobre o salário mínimo da região, imposta pelo Juiz Eleitoral e cobrada na forma prevista no art. 367. LEI Nº 4.737, DE 15 DE JULHO DE 1965

Art. 231. Todo aquele que, estando obrigado a votar, não o fizer, fica sujeito, além das penalidades previstas para o eleitor que não vota no território nacional, à proibição de requerer qualquer documento perante a repartição diplomática a que estiver subordinado, enquanto não se justificar.

§ 1º Sem a prova de que votou na última eleição, pagou a respectiva multa ou de que se justificou devidamente, não poderá o eleitor:

I - inscrever-se em concurso ou prova para cargo ou função pública, investir-se ou empossar-se neles;

II - receber vencimentos, remuneração, salário ou proventos de função ou emprego público, autárquico ou para estatal, bem como fundações governamentais, empresas, institutos e sociedades de qualquer natureza, mantidas ou subvencionadas pelo governo ou que exerçam serviço público delegado, correspondentes ao segundo mês subsequente ao da eleição;

III - participar de concorrência pública ou administrativa da União, dos Estados, dos Territórios, do Distrito Federal ou dos Municípios, ou das respectivas autarquias;

IV - obter empréstimos nas autarquias, sociedades de economia mista, caixas econômicas federais ou estaduais, nos institutos e caixas de previdência social, bem como em qualquer estabelecimento de crédito mantido pelo governo, ou de cuja administração este participe, e com essas entidades celebrar contratos;

V - obter passaporte ou carteira de identidade;

VI - renovar matrícula em estabelecimento de ensino oficial ou fiscalizado pelo governo;

<sup>xiv</sup> Trata-se de aculturação quando duas culturas distintas ou parecidas são absorvidas uma pela outra formando uma nova cultura diferente. Além disso, aculturação pode ser também a absorção de uma cultura pela outra, onde essa nova cultura terá aspectos da cultura inicial e da cultura absorvida. Esse tipo de fenômeno acontece graças à convivência com outras culturas.

<sup>xv</sup> Consciência, no aspecto moral, é a capacidade que o homem tem de conhecer não apenas valores e mandamentos morais e aplicá-los nas diferentes situações. A consciência moral tem alguns pressupostos que a consciência psicológica que tem dentro de si, o outro, a realidade, a transcendência e a si mesmo. A consciência moral supõe uma hierarquia de valores, e também de uma finalidade do acto seja ele bem ou mal. Temos também a consciência social e pessoal que vem formar a consciência moral, dentro de uma tensão nas as dimensões do ser humano.

---

### **Autor**

**Oswaldo Dalberio Dal Bello** é Doutor em Serviço Social pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho,(UNESP) campus de Franca, SP, Brasil,(2008); Professor Associado na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM); Docente do Programa de Mestrado em Educação na UFTM; Membro pesquisador do grupo de Pesquisa Prática de Pesquisa (PRAPES), vinculado à Universidade Estadual Paulista, campus de Franca.

*Recebido em setembro de 2015*

*Aprovado para publicação em agosto de 2016*